

ANÁLISES DO CONTEXTO SITUACIONAL NUM ESPORTE DE SITUAÇÃO

Analysis of the situational context in a situational sport

Análisis del contexto situacional en un deporte situacional

Afonso Antonio Machado – *UNESP/UniAnchieta*

Bruna Feitosa de Oliveira – *UNESP-Rio Claro*

Carita Pelição – *UNESP-Rio Claro*

Fernanda Maia – *UNESP-Rio Claro*

Daniel Bartholomeu – *UniAnchieta*

Endereço para correspondência:
afonsoa@gmail.com

Afonso Antonio Machado

Docente e coordenador do LEPESPE, Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte, da UNESP e do PPG-Desenv. Humano e Tecnologias. Mestre e Doutor pela UNICAMP, livre docente em Psicologia do Esporte, pela UNESP, graduado em Educação Física, Filosofia e Psicologia, editor chefe do Brazilian Journal of Sport Psychology. Pesquisador Senior. Docente do Unianchieta.

Bruna Feitosa de Oliveira

Mestre em Desenvolvimento Humano e Tecnologias. Graduada em Licenciatura em Educação Física pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

Carita Pelição

Doutoranda do PPG-DHT

Fernanda Maia

Doutoranda em Desenvolvimento Humano e Tecnologias - Universidade Júlio de Mesquita Filho - UNESP – Rio Claro/SP,

Daniel Bartholomeu

Possui Graduação em Psicologia pela Universidade São Francisco, Mestrado e Doutorado na área de Avaliação Psicológica na mesma instituição (CAPES 7). Tem Pós doutorado em Desenvolvimento Humano e Tecnologias (UNESP-Rio Claro) e especialização em Neuropsicologia e Terapias Cognitivo Comportamentais. Docente do Unianchieta

Resumo

O voleibol, como esporte de situação, apresenta características específicas que o tornam um campo fértil para análises do contexto situacional e de restrições associadas à performance. Este artigo examina o voleibol a partir de uma perspectiva ecológica, destacando como as interações dinâmicas entre os atletas, o ambiente e as demandas da tarefa influenciam a tomada de decisão, o desempenho técnico e tático. A análise foca nas restrições impostas pelas regras do jogo, pelos adversários, pelas capacidades individuais e coletivas, bem como pelas condições externas, como espaço e tempo. Propostas de aplicação prática são sugeridas, enfatizando a importância de treinos que simulem situações reais de jogo para desenvolver habilidades adaptativas e responsivas. Além disso, o artigo reforça a relevância de estratégias pedagógicas que valorizem a variabilidade e a representatividade das tarefas no ensino do voleibol, promovendo a transferência de aprendizado para o contexto competitivo. Como resultado, a pesquisa contribui para uma compreensão mais aprofundada do voleibol como esporte complexo e orientado por situações, oferecendo subsídios para treinadores, educadores físicos e pesquisadores interessados em otimizar o processo de ensino e treinamento. Essa abordagem amplia o olhar sobre a influência das restrições e potencializa o desempenho em cenários desafiadores e imprevisíveis.

Palavras-chaves: teoria bioecológica, restrições, aprendizagem, contexto situacional, voleibol.

Abstract

Volleyball, as a situational sport, has specific characteristics that make it a fertile field for analyzing the situational context and restrictions associated with performance. This article examines volleyball from an ecological perspective, highlighting how dynamic interactions between athletes, the environment and task demands influence decision-making, technical and tactical performance. The analysis focuses on the restrictions imposed by the rules of the game, by opponents, by individual and collective capabilities, as well as by external conditions, such as space and time. Proposals for practical application are suggested, emphasizing the importance of training that simulates real game situations to develop adaptive and responsive skills. Furthermore, the article reinforces the relevance of pedagogical strategies that value the variability and representativeness of tasks in teaching volleyball, promoting the transfer of learning to the competitive context. As a result, the research contributes to a deeper understanding of volleyball as a complex and situation-oriented sport, offering support for coaches, physical educators and researchers interested in optimizing the teaching and training process. This approach broadens the view on the influence of restrictions and enhances performance in challenging and unpredictable scenarios.

Keywords: bioecological theory, restrictions, learning, situational context, volleyball.

Resumen

El voleibol, como deporte situacional, tiene características específicas que lo convierten en un campo fértil para analizar el contexto situacional y las restricciones asociadas al rendimiento. Este artículo examina el voleibol desde una perspectiva ecológica, destacando cómo las interacciones dinámicas entre los atletas, el medio ambiente y las demandas de las tareas influyen en la toma de decisiones y el rendimiento técnico y táctico. El análisis se centra en las restricciones impuestas por las reglas del juego, por los oponentes, por las capacidades individuales y colectivas, así como por condiciones externas, como el espacio y el tiempo. Se sugieren propuestas de aplicación práctica, enfatizando la importancia de un entrenamiento que simule situaciones reales de juego para desarrollar habilidades adaptativas y receptivas. Además, el artículo refuerza la relevancia de estrategias pedagógicas que valoren la variabilidad y representatividad de las tareas en la enseñanza del voleibol, promoviendo la transferencia de aprendizajes al contexto competitivo. Como resultado, la investigación contribuye a una comprensión más profunda del voleibol como un deporte complejo y situacional, ofreciendo apoyo a entrenadores, educadores físicos e investigadores interesados en optimizar el proceso de enseñanza y entrenamiento. Este enfoque amplía la visión sobre la influencia de las restricciones y mejora el desempeño en escenarios desafiantes e impredecibles.

Palabras clave: teoría bioecológica, restricciones, aprendizaje, contexto situacional, voleibol.

Introdução

Este estudo busca localizar e propor outras formas de trabalhar rotinas nos treinamentos esportivos, de *experts* e iniciantes dos esportes, em especial no Voleibol. Este objetivo não se restringe apenas nas questões relativas ao processo de ensino-aprendizagem, nem tão pouco aos treinamentos esportivos, mas avança, inclusive, para as instruções dadas pelos técnicos aos seus comandados, em momentos quaisquer da trajetória esportiva destes. Inova ao buscar aplicar o conceito de restrição diretamente numa modalidade esportiva de domínio internacional, o voleibol, ainda com poucas análises sistemáticas sobre o desempenho humano, em situação de competição.

Como ponto de partida, vale ressaltar que os esportes se diferenciam em relação aos níveis de restrições que oferecem aos seus praticantes: algumas modalidades enfatizam os movimentos cadenciados, outras trabalham com os riscos e a perfeita relação do praticante com o meio ambiente e outras, ainda, tratam das interceptações dos implementos e da perfeita consecução das finalizações. Estudar as restrições implica, ainda, para muito além de entender das restrições da modalidade, conhecer e possibilitar um bom desempenho dos esportistas, a partir de suas próprias restrições pessoais.

Cada atleta é um sistema que busca uma constante manutenção da unidade, e, sendo assim, seu estado de organização vai depender de um conjunto de fatores que podem ser enumerados a partir do seu crescimento e desenvolvimento e da prática exercida na ação esportiva. Isso nos possibilita entender que os sistemas de movimentos humanos apresentam características específicas quanto aos graus de liberdade, que variam de pessoa para pessoa e de situação para situação (Davids; Button; Bennet, 2005).

Devido à abundância de graus de liberdade mecânicos disponíveis no sistema motor, o maior problema para o praticante é converter o complexo sistema de movimento

humano num sistema controlável, mais estável. Com a aprendizagem, grupamentos funcionais emergem, estabilizando o sistema motor frente às flutuações aleatórias que podem ocorrer entre os componentes do sistema.

Tratar de restrições nos leva a uma perspectiva teórica que permite compreender como os praticantes adquirem padrões de coordenação nos vários contextos esportivos (Araujo, 2005). É fundamental para o treinamento que se tenha um conhecimento acerca das restrições mais relevantes que atuam sobre o desempenho dos esportistas, possibilitando uma adequada fundamentação da proposta do trabalho da equipe técnica. No mundo do esporte, a questão da aplicação de referências teóricas, é algo há muito desejado e perseguido, no entanto, nem sempre observamos a utilização de conhecimentos teóricos produzidos em pesquisas experimentais que promovam alterações suficientes e marcantes, ampliando o corpo de conhecimento das Ciências do Esporte.

A impressionante capacidade de estabelecer relações entre as partes do sistema, de modo estável ou instável, possibilita (ou não) um ajuste e adaptação entre as partes, num processo denominado auto-organização. Este processo é o ponto máximo que cada profissional do Esporte busca desenvolver em seus comandados. Para isso, o trabalho deve sempre considerar três questões imprescindíveis para a teoria: a tarefa, o praticante e o envolvimento que, junto permitirão uma adequada percepção e uma precisa ação em direção do objetivo pretendido, seja ele qual for, no esporte.

Esperamos que ao rever os elementos essenciais de tal abordagem possamos contribuir para a formação de um profissional que atue considerando todas as possibilidades de intervenção junto aos seus atletas, de modo que cada um tenha conhecimentos de suas restrições diante de suas tarefas e que seja maximizado os esforços sem que se detenha em rotinas de ações iguais para todo um grupo, sem considerar que

as restrições a serem tratadas não se devem prender a, apenas, àquelas do esporte mas, e em especial, as dos próprios esportistas.

Voleibol: Uma Modalidade Esportiva De Situação

O voleibol foi criado no ano de 1895 pelo americano William C. Morgan, diretor e professor de Educação Física da Associação Cristã de Moços (ACM) = (YMCA), na cidade de Holyoke, em Massachusetts, nos Estados Unidos, devido a necessidade de um improviso do professor William, que procurava dar às suas classes, constituídas de homens de idade avançada, uma atividade suave e de grande motivação, criou um esporte altamente atlético. Seu nome inicial foi MINNONETTE; um ano depois passou a se chamar VOLEIBOL, talvez por seu toque de voleio (toque no ar).

Foi inspirado no tênis, observando-se o formato da quadra e a utilização da rede suspensa que separa as equipes e evita assim o contato pessoal. Morgan estabeleceu que a bola deveria ser mantida no ar através de toques, procurando mandá-la ao campo adversário transpondo por sobre uma rede de 1,98 m de altura. O número de jogadores não era limitado, mas deveria ser igual em cada lado do campo; os jogadores fariam um rodízio, para que todos passassem pela zona de saque, onde deveria sacar a bola, pisando sobre a linha de fundo, cada vez que a outra equipe cometesse falta.

Inicialmente, o jogo ficou restrito ao local de origem; posteriormente foi mostrado por duas equipes de Holyoke, com cinco (5) jogadores cada, a um grupo de professores de Educação Física em conferência, na Universidade de Springfield, a quem Morgan confiou sua regulamentação dos ginásios das ACMs, seu grande divulgador, o Voleibol passou aos locais abertos; construíram-se então quadras nas praias, estações de veraneio e play-grounds, aumentando sua popularidade e número de participantes.

Foi introduzido em nosso país pela ACM de São Paulo em 1917. O Brasil disputou sua primeira partida internacional em 1951, pelo Campeonato Sul-Americano, onde obteve o primeiro lugar. A Confederação Brasileira de Voleibol foi criada também em 1951, e desta data até hoje o Brasil tem participado das Olimpíadas e dos Campeonatos Mundiais. O Voleibol é considerado, atualmente, o segundo esporte nacional, depois do futebol. As equipes brasileiras de Voleibol foram vice-campeãs mundiais na Argentina (1982) e nas Olimpíadas de Los Angeles (1984), no início de sua escalada para o sucesso.

É uma das modalidades esportivas mais difícil de aprender. Esta dificuldade é devida a complexibilidade de detalhes dos elementos técnicos e táticos. A fixação correta dos gestos, dos movimentos técnicos e táticos tem a maior importância porque uma falta individual significa saque ou ponto perdido. Durante o jogo de Vôlei, o jogador é posto a prova, no máximo da capacidade humana, visto que necessita equilibrar todas as informações do contexto e suas, pessoais.

Os fatores tais como: afetivos, emocionais, sociais e outros devem ser discutidos e estudados para se compreender os diferentes comportamentos humanos ajudando, neste caso, o trabalho do técnico a conviver com diferentes formas de comportamento humano. Estudos apontados por Stoloff (2013), dizem que a conduta do homem agrupa quatro esferas estranhamente inter-relacionadas: intelectual, afetiva, prática e teórica. A esfera afetiva tem como sua característica toda a vida do homem, como disse Machado (2008a), “o afetivo é o efeito na conduta humana, os fatores afetivos têm extraordinária importância em todas as atividades do homem e, por suposto, também no esporte”. Além disso, devemos recordar que a competência esportiva é uma típica situação emocional.

É indubitável que o estado emocional consiste em um fator de grande gravitação para o êxito e o fracasso. O afetivo (a emoção em particular) que está em estranha relação com a motivação, é o motor que permite nos acercarmos um pouco mais do limite de

nossas possibilidades e que mobiliza nossos recursos; pois pode ser também um fator desencadeador do fracasso.

Segundo Ivoilov (2011), no campo da educação física podemos considerar a motivação como o impulso da atividade. Quando no ensinamento de alguma atividade (técnica ou tática), os jogadores se aborrecem, o técnico deve estimulá-los para que se interessem recorrendo a alguns incentivos, que tenham mais valor quanto mais relacionados estes estiverem com os motivos primários. Para McGarry et al (2012), muitos de nós temos a idéia que a motivação é algo que nasce conosco ou que reside inteiramente dentro de nós. A idéia deturpada de motivação vai sugerir que se a pessoa tem sucesso ou não ao se engajar na atividade regularmente, vai depender quase que exclusivamente de seus recursos pessoais; habilidades ou esforços, mais do que fatores extremos ou circunstanciais.

Em primeiro lugar, para aumentar esta estimulação devemos conhecer as necessidades dos atletas, segundo nos diz Ivoilov (2011): a) as necessidades biológicas; b) necessidades psicológicas; c) necessidades de comunicação e expressão. Portanto devemos planejar nossas estratégias para alcançar a maior estimulação do atleta. O atleta estimulado, motivado, aumenta seu rendimento e realiza as atividades com mais empenho e força. Além disso todos os aspectos citados neste capítulo nos levam a crer que o estudo e a compreensão dos fatores e estratégias motivantes podem ser de grande utilidade na formação do jogador e de sua própria equipe. A motivação gera uma melhora na performance do aprendiz ou atleta, que busca ultrapassar seus limites; assim explica-se a evolução tática de forma tão acelerada.

As Restrições Do Voleibol

As restrições não se configuram como elementos negativos ou dificultadores da ação, mas como elos de ligação entre os componentes de um sistema. Favorecem a exploração e escolha das melhores e mais eficientes formas de executar, diante da gama de opções possibilitadas pelo meio. Isso implica em uma priorização de escolha pela ação cujo conjunto de elementos esteja mais perfeitamente organizado, eficiente. Pensar nas restrições dos atletas remete-nos a pensar nas suas características pessoais: sua composição psicológica (cognição, estados emocionais), sua composição corporal, as conexões sinápticas, e perceber que as estruturas neuro-anatômicas dos músculos e articulações são as importantes restrições no desempenho esportivo, na maioria das vezes.

Vale lembrar de atletas que apresentam excelente estrutura neuro-anatômica, altura invejável e movimentos limpos, porém, em jogos decisivos, não conseguem decidir a bola a ser atacada nem com que tipo de ataque atuarão. Tornam-se ineficientes e imprecisos, em despeito de toda a composição corporal. Atletas que se adaptam mais facilmente diante de múltiplas fontes de informação disponível, em contextos dinâmicos, são detentores de um nível mais elaborado de desempenho. Podem variar o padrão de coordenação básico à medida que o contexto muda.

Desta maneira, podemos, então, dizer que as restrições do esportista incluem padrões habituais de tomada de decisão, níveis de perícia ou desvio no sistema visual. Estas características individuais podem ser entendidas como recursos que serão empregados pelo esportista para uma determinada ação ou para resolver limitações impostas, mediante adaptações específicas. Dentre as possíveis restrições, aquelas relativas a altitude, temperatura, luz ambiente, gravidade e vento são consideradas restrições do ambiente e interferem no funcionamento do movimento humano, em níveis específicos.

Da mesma forma que os fatores sociais, que são representados pela família, amigos, torcidas e os culturais que respondem pelos valores e expectativas sociais do esportista compõem outras restrições de igual importância no macro-sistema em que a prática esportiva estiver inserida. Exemplifica-se lembrando que uma quadra de fundo escuro, com uma rede escura, será um local de dificuldade para ambas as equipes, visto a complexidade para formar a figura-fundo, assim, a acuidade visual comprometerá a ação esportiva na abordagem da bola ou no deslocamento na rede. Vale, também, o exemplo de quadras esportivas dentro de ginásios redondos, sem marcações ou placas, que possibilitem uma identificação de espaço.

Neste caso, a dificuldade de colocação, em quadra, será grande, dificultando posicionamentos, deslocamentos e ações táticas. Compromete, inclusive o nível técnico dos atletas. Numa leitura micro sistêmica podemos dizer que as regras oficiais da modalidade, os implementos utilizados, a quadra e o uniforme sejam restrições mais específicas e demandem total conhecimento de informações disponíveis no contexto, para que a auto-organização seja pronta e eficaz.

Esta interação sistêmica favorece ao entendimento e à tomada de decisão eficiente. Para que possamos atender a todas as adequações e atingirmos uma auto-organização que nos permita um bom desempenho, é preciso que capturemos todas as informações do contexto e que tenhamos movimentos pertinentes ao de quem vai interceptar a bola em movimento, no caso específico do Voleibol. A cada alteração e evolução no movimento corporal ou da bola, haverá mudanças específicas sobre as propriedades dinâmicas do contexto.

Acertar o gesto é uma finalização adequada e auto-organizada, em cada uma de suas partes (Gibson, 1979); podemos dizer que houve uma relação contínua entre o estado do indivíduo com o estado do contexto. Neste específico exemplo, vale observarmos que

tanto o movimento do indivíduo quanto da bola é relevante, no entanto este ainda não é o contexto: temos mais atletas que compõem a equipe. Isso nos possibilita dizer que, nos esportes coletivos com bola, devemos considerar tanto a coordenação do indivíduo quanto a da equipe, em relação ao contexto.

E as restrições serão, então, do indivíduo, da equipe e da bola, enquanto material do jogo, além das demais outras restrições que causam rearranjos nesses sistemas dinâmicos. Ocorrerá que tanto o indivíduo quanto a equipe tentarão interagir com o contexto, de modo a atingir o objetivo que é tomar posse da bola, por meio de uma ação específica a ser executada em momento decisório: esta é a chave do Voleibol. Lembramos que cada indivíduo apresenta sua performance esportiva, em momentos específicos, mas que a performance da equipe é maior que a do atleta.

Sendo assim, temos que reforçar que teremos habilidades diferentes em cada uma das situações vividas na ação, já que cada uma delas tem constrangimentos diferentes, em momentos diferentes. Em função desta regra, cabe a idéia de que a especificidade do treino somente será eficiente se houver uma ligação entre informação e movimento, caso contrário será um automatismo que nem sempre responderá aos princípios da auto-organização. É, então, esta dinâmica expressa nos esportes de situação que indicam ser necessário que os treinamentos aconteçam em contextos dinâmicos, semelhantes ao jogo propriamente dito, facilitando que se experiencie e se resolva as indagações das restrições, à medida que elas surjam, adaptativamente.

Quando o treinador expõe seus objetivos e apresenta a tática à equipe, para uma jogada em particular, o incremento da ação apenas deveria se dar, se este primeiro objetivo tivesse sido atingido (acerto da tática exposta). Aumentar o volume de informações, antes que as primeiras tarefas tenham sido elaboradas e atingidas apenas

tornará mais complexa a ação e cobrará um nível de auto-organização ainda maior (Vickers, 2012).

Este referencial teórico, baseado em restrições e auto-organização, configura um tipo de treinamento diferente daqueles em que os sportistas passam horas e horas repetindo movimentos descontextualizados das situações reais dos jogos. Aqui falamos da construção de competências técnicas e táticas pertinentes ao jogo e valorizamos a capacidade dos jogadores em resolver problemas que se apresentam a medida que as variações contextuais vão surgindo.

Ainda no treinamento, interpretar e compreender a evolução do jogo favorece a formação do jogador autônomo; a riqueza deste processo é que haverá adaptação das soluções à medida que as necessidades do contexto se fizerem presentes. Cada informação emergente do contexto sportivo será percebida e analisada de forma tal a oferecer como ação um gesto baseado num conjunto de percepções que foram se somando a cada momento, originadas em cada um dos micro-sistemas. Esta situação caótica será tão bem desenvolvida quanto melhor for interpretada; a melhor resposta é aquela que se adequar à lógica do jogo.

Evidente fica que a Psicologia Bioecológica entende ser condição básica preservar a lógica do esporte, atendendo aos processos de interpretação e adaptação ao inesperado, visto que o jogo não atende a um princípio linear de ação; antes, ele cobra uma abordagem auto-organizada que decorre de processos de autonomia e entendimentos das diversas restrições surgidas das interações entre o meio, a tarefa e o indivíduo, de modo a buscar entendimento e solução para cada um dos gestos desenvolvidos.

A denominação de esporte de situação é muito própria, levando em conta o fato de que a cada mudança de altura da bola ou de posição do atleta, teremos um contexto novo e uma situação de jogo específica: as jogadas não se repetem, nem mesmo quando

uma bola é atacada pelo mesmo jogador, numa mesma posição. Nesta situação específica, tivemos outro deslocamento, outra velocidade, outra abordagem e teremos outra interceptação adversária; serão, a cada vez, quadros situacionais novos, que demandarão de novas auto-organizações e novas tomadas de decisão (Brofenbrenner, 1977; Pittera; Violetta, 2019).

O interessante nesta modalidade é que ela representa um sistema social, dinâmico e complexo, com esportistas balizados por regras e norteados por objetivos fragmentados, que somados levam ao final da partida. O jogo em si é mais do que os valores individuais ali presentes, mas vencer o oponente significa somar valores individuais e adequar os valores do grupo, como um sistema único: quem ganha o jogo (ou perde) é a equipe, conforme dissemos anteriormente.

O jogo se desenvolve de modo a que cada equipe deva tocar na bola por três vezes, enviando-a para a quadra adversária, sem que um esportista tenha tocado nela por duas vezes consecutivas. Contraria muito dos esportes existentes, uma vez que não é jogado num período de tempo definido, mas é resultado de uma batalha atemporal, em que temos sucessões de vitórias e derrotas a cada ponto, cobrando uma auto-organização constante e uma tomada de decisões que se alteram a cada voleio. Esta situação faz com que o esportista esteja e constante adaptação, fortalecendo um plano tático maior, que é o de burlar a segurança do adversário e atingir o objetivo do jogo.

A questão da previsibilidade passa a ser uma forma de atuar com antecipações bem-sucedidas, impedindo a atuação ofensiva que conclua com uma vitória naquela situação, fechando, então, um micro-ciclo. De outra maneira, podemos dizer que durante o *rally* (um micro-ciclo, se assim o quisermos) é o momento real das explorações situacionais e das restrições ali presentes, fazendo com que, perceptivamente, o esportista seja capaz de antecipar lances e provocar a instabilidade no adversário.

Restrições Comportamentais: Leitura Da Bioecologia

Isto posto, vamos centrar nossa atenção em uma restrição específica: a comportamental. A discussão sobre os limites do rendimento humano beira sempre ao estudo dos limites do atleta: no contexto esportivo, o praticante não é mais estudado como um sistema fechado, mas totalmente integrado num sistema maior, onde participa com suas diferenças pessoais e grupa-se as diferenças de cada um dos companheiros de equipe.

Neste cenário polifônico temos um conjunto de aquisições ocorrendo em tempos diversos: atitudes sociais, compreensão do objetivo da modalidade, tecnologia aplicada ao esporte e conhecimento da motricidade. As restrições psicológicas serão, assim, barreiras a serem superadas ou reorganizadas, contribuindo para a transformação ou queda dos limites e possibilitando novas percepções do contexto e novas abordagens para o atendimento ao objetivo do jogo, de acordo com Beek et al (2013). Esta constante linearidade-não linearidade é vista como uma restrição comportamental comum no esportista que busca a autonomia. A necessidade de otimizar as ações leva os esportistas à algumas restrições mais severas que podem modificar sua percepção e impedir sua adequada participação junto ao grupo.

De ordem individual, as restrições psicológicas afloram e cobram um conhecimento e intervenção imediata, por parte do treinador atento, no sentido de não permitir eu o grupo seja contaminado por percepções individuais equivocadas ou pouco produtivas para sua equipe. A interferência externa, de outros micro-sistemas, chega com força inimaginável aos jogadores pouco experientes. A mídia, uma forte representante destas restrições, pode provocar uma distração do foco atencional do atleta pouco preparado (Machado, 2008b) e causar grandes desorganizações, num grupo.

A pressão midiática vem se somar à pressão pública, que cobra resultado. Este público, em sua maciça maioria leigo diante dos conhecimentos do rendimento esportivo, externaliza sinais que são percebidos como cobranças e apoios, que nem sempre recebem uma adequada percepção pelo esportista, que, mais uma vez, tem seu foco desregulado e ao invés de atuar perseguindo os objetivos do esporte, priorizam os objetivos dos torcedores. Como o equilíbrio torcida-atleta nem sempre está devidamente afinado, é comum que não ocorram reciprocidades de intenções e que o jogador não supere a força desta restrição, cometendo excessivos erros em jogadas de nível de execução demasiado fácil.

A intervenção da torcida, em jogos decisivos, a algo a ser melhor analisado e de difícil adaptação para atletas que participam de campeonatos, uma vez que é uma das restrições que mais alteram sua própria conduta, sua intensidade e seu volume, manifestando-se de modo inesperado e nem sempre lógico. Independentemente de ser torcida a favor ou torcida contra, segundo estudos de Zoudji et al (2012). Sempre representa um risco à auto-organização do grupo, em especial pelas características do micro-sistema representado por cada atleta.

O processo do treinamento deve considerar a facilitação e a adaptação do esportista ao contexto competitivo, de modo a potencializar e até ultrapassar os limites anteriores de cada atleta e da equipe, no entanto, as restrições psicológicas atuam de maneira interdependente deste macro-sistema: elas são características individuais dos atletas que compõem a equipe, portanto passam a requerer especial atenção do treinador.

O líder do grupo, no caso, o treinador, que busca uma interdisciplinaridade adequada no trato de sua equipe, estará a frente do processo competitivo intervindo em restrições psicológicas, amenas ou severas, que podem favorecer o desempenho de seus atletas, quando adequadas. Vemos que a ansiedade é favorável, num nível de excitação

otimizado, na mesma direção que temos a agressão e a euforia. De modo geral, nenhum destes estados (ou traços) pode ser entendido como restrições negativas, mas quando bem trabalhados resultam em um processo de autonomia e interdependência, oferecendo um ritmo, uma intensidade e um volume próprio de um grupo.

Na prática, isso é visível no selecionado nacional masculino e feminino, em exemplos favoráveis, que explicitam o poder de um sistema integrado de forças e restrições, numa junção de forças da torcida com a atenção centrada dos atletas e com um banco de reservas afinado com os objetivos do jogo, na vitória da equipe Pan-americana, masculina.

Na contramão, temos o exemplo dos Jogos Olímpicos de Atenas, com uma torcida afinada, em desconexão com a equipe feminina de Voleibol, desorganizada, dentro da quadra, e um banco de atletas reservas pouco centrados no andamento da partida e no foco *daquele* jogo. Estes exemplos demonstram que a auto-organização e a autonomia do grupo são interdependentes das restrições e das formas como elas são encaradas.

Voltando a uma restrição psicológica sutil, mas prevalecente, a figura do líder proporcionará o efetivo envolvimento do grupo e a adequada abordagem diante de cada restrição, desde que seu trabalho se inicie nas preparações que antecederam os momentos-fins. Significa dizer que treinamento psicológico não se inicia no início da partida decisiva, senão nos primeiros encontros do grupo, em época em que se possibilita os afinamentos de personalidades e o autoconhecimento dos atletas. Machado (2008b) esclarece que o processo de liderança é resultado da identificação de conhecimento, competência e capacidade de perceber, instruir, aconselhar e ensinar, o que garante ao treinador líder uma ação dirigida ao sucesso, na identificação e trabalhos destas restrições.

A inteligência motora do Voleibol deve se desenvolver em condições espaciais e temporais que o definem como um dos esportes muito complexo, no âmbito das ações a

serem empregadas. A velocidade do jogo, que delimitará o tempo para a tomada de decisão pode intervir no ritmo das ações e, um descontrole emocional pode soar decisivo: a ansiedade precisa estar em seu nível de ativação ideal para que nada seja desproporcional.

Diante de adversários potencialmente fortes e inteligentes, a resposta agressiva é uma das ferramentas adequadas, desde que pertinente à situação do jogo: nem agressivo demais, nem passivo ao jogo, de modo a parecer desfocado e ausente. A sintonia será encontrada por meio da percepção e interpretação adequada de cada um dos “quadros da partida”, ou ainda: diante de cada situação de vitória-derrota que significa o final de cada *rally* (Sampedro, 2018).

Ter a adequada compreensão desta situação significa estar focado nos processos interdependentes de cada microssistema e de sua conjugação no macrosistema, que conduz ao resultado final da partida. Demanda uma observação de qualidade, uma correta percepção esportiva que permitirá a análise correta da situação do jogo, enxergando a figura (cada atleta) e o fundo (a equipe). A diferença entre a situação real do jogo e a percebida, deve ser mínima, quando se observa com critério, informa Salmela (1999).

Afirmamos que os aspectos psicológicos e emocionais, tais como vontade, motivação, nível de aspiração, ansiedade, agressão, vergonha, medo, euforia são muito decisivos na hora de obter um bom resultado. Em algumas situações, os esportistas se apresentam com medo de assumir riscos, vergonha do fracasso, excitação demasiada e, diante das estruturas da Psicologia Bioecológica é preciso que as adequações sejam realizadas por intermédio de intervenções que possibilitem aos atletas reconhecerem a lógica do esporte e se auto-organizarem, buscando a autonomia para a continuidade de suas ações (Araujo, 2006).

Em razão desta afirmação e diante das restrições comportamentais é que o treinamento esportivo tentará favorecer os esportistas a aprender estratégias pessoais para alcançar um nível de ativação adequado (*arousal*) para a percepção e ação, no jogo. No mesmo sentido, é necessário que este esportista saiba trabalhar com as informações e experiências mal-sucedidas ou em caso de dúvidas no momento decisório. Desenvolver a concentração e focar-se no objetivo do jogo permitem uma auto-organização constante e uma autonomia nas ações (Salmela, 1999). Acreditamos, assim, que um apoio psicológico preventivo é necessário diante de tanta instabilidade dos sistemas

Propostas De Aplicação

Entendemos que um trabalho sobre constante pressão da situação, em ritmo e intensidade forte, favoreça a despertar a percepção do sistema e ensaiar uma ação auto-organizada, em esportistas experientes. Diferente dos trabalhos rotineiros e sem exploração do contexto, ou pouco ativado; isso implica em termos atletas que considerem a movimentação dos adversários e dos companheiros de maneira integrada e diferenciada, fazendo a correta leitura (percebendo) cada um dos microssistemas que compõem o *rally* em que está envolvido.

Excitar ao trabalho de exploração dos pontos fracos dos adversários e tomar decisão rapidamente, mesmo que tendo que agir sem “ler” a situação é uma das formas de garantir uma auto-organização adequada, diante deste esporte de situação, em que cada “quadro” varia em função de micro-milésimos de segundos. A inteligência motora estará despertada e preparada para responder com adequação.

No mínimo, trabalhar com os erros e visualizar escapes para situações inusitadas permitem um processo de caminhada rumo a autonomia e ao rendimento esportivo

próximo do ideal, sem desprezar nenhuma informação despertada pelo sistema em que se está imerso, no decorrer da partida. As restrições comportamentais bem centradas possibilitarão um envolvimento focado e um grupo atento a cada *rally*, independente dele se manifestar em vitória-derrota, e a possibilidade de fazer de cada erro uma vitória, fortalecerá o macrossistema.

Referências

- Araujo, D. *O contexto da decisão: a acção táctica no desporto*. Lisboa: Visão e Contextos, 2005.
- Araujo, D. *Tomada de decisão no desporto*. Lisboa: FMH Edições, 2006.
- Beek, P; Jacobs, D.M; Daffertshofer, A.; Huys, R. Expert performance in sport: view from the joint perspectives of ecological systems theory. In: Starkes, J.L.; Ericsson, A. (Eds) *Expert performance in sports_ advances in research on sport expertise*; p. 321-348. Champaign: H.K.P., 2013.
- Brofenbrenner, U. Toward an experimental ecology of human development. *American Psychologist*, 32, 513-531, 1977.
- Davids, K; Button, C.; Bennet, S. J. *Acquiring movement coordination: a constraints-based framework*. Champaign: H.K.P., 2005.
- Gibson, J.K. *The ecological approach to visual perception*. Hillsdale: Lawrence ERIBAUM Associates, 1979.
- Ivoilov, A.V. *Volley Ball*. Paris: Vigot, 2011.
- Machado, A. A. Mídia e esporte: canais de interferências psicológicas. In: Brandão, M.R.F., Machado, A.A. *Aspectos Psicológicos do Rendimento Esportivo*, vol. 2. São Paulo: Atheneu, 2008a.

- Machado, A. A. Liderança: novas perspectivas no futebol. In: BRANDÃO, M.R.F.; MACHADO, A.A.; MEDINA, J.P.S.; SCAGLIA, A. **Futebol, psicologia e produção do conhecimento**. vol. 3. São Paulo: Atheneu, 2008b.
- Mcgarry, T. ANDERSON, D., WALLACE, S. HUGHES, M, FRANKS, L. Sport competition as a dynamical self-organizing system. *Journal of Sports Sciences*, 20, 771-781, 2012.
- Pittera, C.; Violetta, D.R. *Voleibol: dentro del movimiento*. Buenos Aires: Adrian Vazquez, 2019.
- Salmela, J.H. *Great job coach!* Ottawa: Potentium, 1999.
- Sampedro, J. *Fundamentos de táctica deportiva: análisis de la estrategia de los deportes*. Madrid: Gymnos, 2018.
- Stoloff, S. *Processus d'implantation de l'entraînement à la prise de décision auprès d'un entraîneur de volleyball féminin universitaire*. Thèse de maîtrise; Université de Sherbrooke, 2013.
- Vickers, J.N. *L'entraînement à la prise de décision: une nouvelle approche à l'entraînement*. Ontário: CABC, 2012.
- Zoudji, B.; Debú, B; Thon, B. Caractéristiques fonctionnelles du système mnémorique des experts et des novices dans les pratiques sportives à dominante décisionnelle. *Science et motricité*, Belgique, 3(47), p.9-39, 2012.

Submissão: outubro/2024

Última revisão: novembro/2024

Aceite final: dezembro/2024